

Perfil Literário

A leveza confluyente entre sonho e amor na força poética de Eduardo White

Patrícia Camargo

“Leve é o pássaro:
e a sua sombra voante,
mais leve.
E a cascata aérea
de sua garganta,
mais leve.”
(Cecília Meireles – Leveza)

Quando temos em mente o questionamento em relação aos contornos da poesia contemporânea moçambicana, tendo em vista os principais autores que figuram no cenário literário deste país, sem sobra de dúvida o nome de Eduardo White é referência obrigatória.

Nascido em Quelimane, em 21 de novembro de 1963, Eduardo Costley White, oriundo de uma província de notadas marcas culturais de dimensão crioula, apresenta por meio de seus sobrenomes a inscrição das misturas étnicas tão plurais em seu país. Segundo Chaves (apud SEPÚLVEDA, 2000, p.120), nos sobrenomes do escritor percebemos que apesar de ser filho de uma mulher portuguesa e tendo por pai um moçambicano, este possuía origem de uma família inglesa (Deforth Johnson, do Malawi).

O poeta moçambicano iniciou sua carreira bem cedo, em 1976, expondo seus escritos em várias revistas e suplementos literários, possuindo uma vasta produção bastante variada:

Seu legado poético aborda temáticas diversificadas que percorrem desde versos impregnados de amor até palavras que destilam a peçonha corrosiva oriunda da reflexão crítica.

O ano de 1984 remonta-nos à publicação de seu primeiro livro, *Amar sobre o Índico*, pela AEMO. Dessa época em diante, não repousou

sua pena. Eis os frutos de suas criações: *Homoíne* (1987); *O país de mim* (1989) – obra que recebeu o *Prêmio Gazeta de Artes e Letras* da Revista *Tempo* –; *Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave* (1992); *Os materiais do amor seguido de O desafio à tristeza* (1996); *Janela para o Oriente* (1999); *Dormir com Deus e um navio na língua* (2001); *As falas do escorpião* (2002) – sua primeira prosa poética –; *O manual das mãos* (2004); *O homem, a sombra e a flor & algumas cartas do interior* (2004). (ALMEIDA, 2006. p. 21)

Pertencente a “geração” de escritores que auxiliaram a publicação da Revista Charrua¹, Eduardo White traz em sua escrita as marcas delineadas por esses autores que primavam por buscar na subjetividade que se encaminhava “por uma lírica telúrico-amorosa e erótica, recuperando, este último, a vertente índica da poesia moçambicana e a vocação de um oriente imaginário, convocado pelas marcas de historicidade e hibridação no país.” (LEITE, 2006. p. 142)

Os escritores pertencentes a esse período, indignados com as agruras que afligiram o povo moçambicano por tanto tempo, resolveram permear sua escrita por essa força de ruptura com antigas práticas estéticas, buscando no sonho e no espaço do amor uma visão crítica pautada na força da poesia lírica:

A agonia e a dor dominantes tinham de ser exorcizadas para, de novo, o povo acreditar no amor. Era preciso erotizar Moçambique, fazendo pulsarem os desejos silenciados por séculos de violência e autoritarismo. Contra a dura realidade moçambicana, sonambulizada por sofrimentos ininterruptos, irrompe uma poética, voltada para os recônditos meandros da alma humana, para o inconsciente mítico do povo, para a procura da liberdade existencial. Voar era necessário, navegar era preciso! (Secco apud DUARTE, 2001. p. 162)

Para leitura que ora pretendemos realizar, teremos por base de análise algumas poesias das obras *Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave* (1992) e *Os materiais do amor seguido de O desafio à tristeza* (1996). Nossa intenção será colocar as duas obras em diálogo a fim de pensar as relações entre os sonhos e o amor.

¹ É importante salientar que este termo “Charrua” significa arado, ou seja, os escritores que realizaram essas publicações tinha por lema colocar um “ar novo” na terra de Moçambique, já tão desgastada por tamanhas mazelas.

A obra PCVESA² tem como epígrafe um poema bastante sugestivo de Walt Whitman que transcrevemos, por ter em seu bojo a tônica da proposta do livro de White:

Pássaro (disse então a Alma do menino,
É mesmo para tua companheira que cantas? Ou é principalmente
para mim?
Pois eu, que era criança, adormecido o uso da minha língua,
Agora que te escutei
Agora num átimo sei para que sirvo – acordo,
E já mil cantares – mil canções, mais límpidas, mais altas,
mais deslocadas que a tua,
Mil ecos gorjeantes despontaram para vida dentro de mim,
Para nunca morrer.
(Walt Whitman apud WHITE, 1992, p. 07)

O vôo lírico das palavras em estado de leveza absoluta, bem como a beleza melódica da poesia e a força do amor contra os desígnios da morte serão estas as temáticas trabalhadas por Eduardo White ao longo de todo esse livro.

Sendo interessante ressaltar que o prefácio de PCVESA, escrito por Mia Couto, tem por título “Escrevoar”, pois mais que procurar toda dimensão dos aspectos da leveza, “Eduardo White reinventa as imensas paisagens do seu país, a geografia da ternura que só os pássaros sabem percorrer. Eduardo não escreve sobre aves. Escreve em aves.” (Mia Couto apud WHITE, 1992. p. 09)

Assim, a poesia de White procura dar leveza aos materiais mais distintos: a pedra, o fogo, o espaço do corpo e da alma. Dando início as análises, vamos apresentar alguns poemas de PCVESA, para que possamos empreender nossas discussões:

Olho uma pedra. E penso.
Na dura estrutura de pedra
uma funda bradeja de ironia. Espera.
Anseia paciente aquele corpo deitado na sua bacia,
concebe o arremesso,
o movimento que mesmo parada
a pedra anuncia.

Toca-a. Podes vê-la e pô-la na mão.
Não a armes para que fira.
Uma pedra não merece essa bélica intenção.

² A partir desse momento vamos enumerar a obra *Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave* com as siglas PCVESA e o livro *Os materiais do amor seguido de O desafio à tristeza* com as siglas MASDT.

Levanta-a como um dardo
para que veja a distância que a extasia,
o seu porto terrestre.
Depois atira-a,
dá-lhe a virtude de crescer para outros lugares,
a sua paixão celeste, a sua vocação para cantar,
deixa a pedra correr a sua alegria,
na sua comprovada dureza.

Repara.
A pedra vai alta,
gargalha pelos espaços,
respira, turbilha,
e sentirás que antes mesmo de tocar o chão
a pedra agradece-te
sendo tu que voaste.
(WHITE, 1992, p.18)

A beleza da força poética empreendida por White é de tal qualidade, que nos versos acima podemos observar como o signo da pedra tão trabalhado em vários discursos enquanto símbolo de guerra, pois atear pedras sempre foi um gesto de agressividade, de repúdio, é trabalhado nesse poema de um modo inverso. A pedra rompe com seu estado de aridez e inércia, e em arremesso faz-se um pássaro que entoa uma canção, uma flor num bailar aéreo, a pedra ganha vida. Nesse percurso, é preciso tocá-la com carinho, observar os aspectos positivos que nela há, pois uma pedra não deve ser usada para o estímulo ao ódio, “uma pedra não merece essa bélica intenção”. Ao contemplar o singelo vôo da pedra, podemos compreender que quem voa com ela e toca o chão de modo doce e ameno é a nossa própria alma.

Ao inverter os valores negativos de algo como uma pedra, realçando seus valores positivos, Eduardo White mostra que a leveza assim como afirmava Ítalo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), surge como possibilidade de resistência, como reação ao peso do viver.

Vejamos como White irá construir a imagem do fogo em sua poética, também recebendo essa potência da leveza:

Por exemplo, o fogo.
O fogo estabelece o seu trabalho,
A sua centígrada destreza para arder.
E não sei se notasse
que na digital matriz das suas febres
o fogo opõe-se,
insubmisso,
a morrer.

Arde como se definitivo
e quando assim sucede tende a crescer,
busca aquela leveza das altas labaredas,
a implícita tontura das fagulhas.
O fogo arde como se quisesse fugir do chão,
das suas cavernas metalúrgicas
ascende ao impulso dos foguetões,
à infância astral, à casa solar.

O fogo entristece, por vezes.
Chora inflamável na sua fatalidade terrestre
a estranha e lenhosa prisão
que o prende e embrutece.

Quer voar,
quer a sua ancestral condição de estrela
mas na corrida espacial com que o fogo queima,
na perpétua evasão,
a gula intestinal-o
à sua pressa.
(WHITE, 1992, p.19)

De maneira não menos intensa quanto farta de beleza a figura da pedra, White canta o fogo em toda sua força vital. As chamas sempre se colocam “insubmissas”, lutam contra a morte, pois o fogo “arde definitivo”, é possante, intenso, representa a veemência da vida. Ao procurar “fugir do chão” o fogo busca a liberdade, quer asas, quer voar longe! Mas, se entristece, “chora inflamável” e sente o peso de sua condição de força terrestre, esse sofrimento do fogo irá levá-lo a repensar suas origens, enquanto centelha que forma as estrelas, ruma sem medo pelo ar, queima no todo de vida que o inflama. Em sua nova condição leve, porém corredia, movido por um desejo desenfreado, dissipa-se no interior de si mesmo, na essência do anseio que o “intestinal-o à sua pressa”.

Essas imagens tão plásticas que pintam o fogo em sua saga desejosa de refazer-se em estado originário de estrela, astro cósmico que ilumina e possibilita a vida em um planeta, tal qual o Sol, fonte de força vital, impulso que gera um movimento constante, o fogo assim representa a energia da vida lutando contra os desígnios da morte.

A busca peculiar pela leveza, essa “ciência de voar ou a engenharia de ser ave” se presentifica de forma magistral, nos versos que se seguem:

Não faz mal.

Voar é uma dádiva da poesia.

Um verso arde na brancura aérea do papel,
toma balanço,
não resiste.

Solta-se-lhe
o animal alado.
Voa sobre as casas,
sobre as ruas,
sobre os homens que passam,
procura um pássaro
para acasalar.

Sílaba a sílaba
o verso voa.

E se o procurarmos? Que não se desespere, pois nunca o iremos encontrar. Algum sentimento o terá deixado pousar, partido com ele. Estará o verso conosco? Provavelmente apenas a parte que nos coube. Aquietemo-nos. Amainemos esse desejo de o prendermos.

Não é justo um pássaro
onde ele não pode voar.
(WHITE, 1992, p. 22)

Quão belo é constatar que “voar é uma dádiva da poesia”! Os versos ganham vida nesse poema, e assim como a pedra, o fogo, a poesia é pássaro em constante vôo, ela transpassa a materialidade das páginas de um livro, voa em nossa mente, baila como uma linda canção pelo ar! Esse pássaro, sublime “animal alado”, o verso-ave atravessa os espaços, não é possível prendê-lo, pois é a própria presença viva da liberdade! E ao finalizar a poesia com os versos: “não é justo um pássaro / onde ele não possa voar”, nos mostra como a condição primeira da poesia é a leveza, a liberdade, pois nem mesmo o “corpo da palavra” consegue prender a força da poesia!

Essa construção poética de White é bastante significativa não apenas por sua pungência lírica de tamanha qualidade, mas por retratar também os conflitos inerentes a sociedade, pois Eduardo White reinventa “através do vôo da imaginação e da artesanaria do próprio fazer literário, os subterrâneos dos sonhos e dos mitos, fazendo com que estes funcionem como procedimentos libertadores de tensões sociais oriundas da repressão, do autoritarismo e do medo.” (S ecco apud DUARTE, 2001. p. 170)

A manifestação do social em meio a uma poesia altamente lírica fica bastante evidenciada no poema que se segue, cuja temática central será o sonho:

Os olhos são mais maduros, agora, e podem olhar-se por dentro. Para onde vamos com tanto vagar, entre as estrelas, a luz e o vento? É tão remoto o chão, tão sem memória. Mas não faz mal, não é a morte.

O corpo está quente e os pulmões respiram.

Podemos sonhar sem limites mesmo que a insónia nos castigue, viver mais crentes, mais perfeitos, mais possíveis; e repara, há tanta coisa a doer-nos dentro, tantas mentiras, tanta amargura que só sonhar nos mantém vivos. Eu desejo os pássaros por essa razão, a droga da alegria que os eleva e os suspende, e o que é sonhar se não isso? (WHITE, 1992, p.13)

No que concerne ao alto grau de consciência crítica, podemos atentar que o poema logo em seu início evoca os olhos “mais maduros”, que representam a força da sabedoria, as diversas experiências complexas que os escritores moçambicanos passaram ao longo das lutas ocorridas no país, assim já é possível “olhar-se por dentro”, esse será o momento em que a subjetividade irá aflorar. Porém, isso não significa que esse olhar interno virá isento de questões do âmbito social, já que será no sonho que o poeta mostrará a força da vida, apontando para o fato de que essa potência utópica é algo que não é inerente a uma única pessoa, a um eu lírico distante da realidade, mas sim a todo ser humano, pois:

Sonhar, para Eduardo White, é lutar gerindo os próprios sonhos, ampliando-os. Sonhar, segundo este poeta, é o que mantém os homens vivos, fazendo-os reagir a tudo o que é decepcionante.(...) O sonho para esse poeta, nada tem de evasão, sendo, ao contrário, uma força geradora do despertar histórico. (Secco apud DUARTE, 2001. p. 162/163)

Pensando nesse “despertar histórico”, a visão crítica fica ainda mais evidente ao longo do poema, e ainda que haja “tanta coisa a doer-nos dentro, tantas mentiras, tanta amargura”, apesar dos sofrimentos descritos, é preciso reagir, porque a vida prevalece e “só sonhar nos mantém vivos”, e será por meio do sonho, dessa alegria que ativa o vôo dos pássaros, esse regozijo que banha as almas, mesmo quando temos tantos motivos para chorar, sonhar sempre será a potência que nos faz lutar pela vida de modo mais consciente e ativo.

Vejamos mais um poema de PCVESA:

Digamos. É uma casa privada o pensamento. As mobílias arrumadas,
Os cantos, os silêncios. Vivamo-la demorando os seus diurnos ausentes,

Os seus noturnos movimentos. Não a deixemos vulnerável ao
desvívido
E ao sofrimento. Palavra. Senão como poderemos voar? Sabes, por
vezes
Receio que tomes tudo isso por pura demência, esta maneira de te
falar
Assim implacável, mas sucede que tenho para mim a paixão dessa
ciência,
As mecânicas seduções dessa engenharia. Na verdade, julgo
voar,

Ergo a cabeça, os olhos chamejantes,
toco a longuíssima garganta do espaço.
E o sangue,
e o sangue
que borbulha,
que agrava,

dá-me a vertiginosa tonturas dos cometas,
a loucura brilhante das suas cabeças,
dá-me aquela secreta mão de Deus
que turbilhante e clandestina
os combustiona
e os acende.
(WHITE, 1992, p. 20)

A “engenharia do vô” nesse poema transcende o espaço semântico e também abarca a espacialidade da escrita, no papel em branco surgem palavras que formam a imagem de um revólver, mas qual será a articulação entre a mensagem contida no poema e a imagem que ele apresenta? Uma série de reflexões aflora, o eu lírico diz de suas dúvidas quanto aos espaços que transita, os espaços que ocupa, como se seu corpo e alma estivessem em descompasso, suas idéias em conflito. Desse modo a palavra será o amálgama que possibilitará o vô vertiginoso da alma e a compreensão das “mecânicas seduções de sua engenharia”. Assim, em meio ao sangue que brota do estilhaçamento do corpo, para libertação da alma que almeja voar, a palavra será a arma que liberta e acende o ser.

Já o livro MASDT possui dois grandes blocos, de um lado temos os “materiais do amor”, tendo por referência o próprio fazer poético, um espaço onde aflora a beleza da poesia em contradição com a triste figura do poeta; e o segundo bloco equivale ao “desafio à tristeza”, onde o poeta chora suas dores e sofrimentos, mas ao final desafia sua angústia existencial por meio de um final arrebatador.

Agora, iniciaremos algumas reflexões sobre o livro MASDT e teremos logo de início uma poesia que também articula essa relação entre corpo e alma, tal qual o último poema analisado de PCVESA:

Eu quero uma alma para ti que seja de outra
ciência e tenha por corpo o corpo que eu queria.
Quero uma alma onde possa descansar a minha,
que consinta demorar-me no brilho estranho que
só as janelas têm e onde possa descansar a minha,
que consinta demorar-me no brilho estranho que
só as janelas têm e onde igualmente possa chorar
a minha trágica fatalidade de poeta.
(WHITE, 1996, p. 18)

Teremos nesse poema o início de uma visão sobre os “materiais do amor”. Há um eu lírico que deseja uma alma “de outra ciência” para alguém, veremos que a “engenharia” e “ciência” aqui presentes ainda serão as do vôo mágico da poesia, e temos também o fazer poético em evidência, como a força material do amor que motiva o processo de escrita. A alma que o eu lírico almeja será aquela “onde possa descansar a minha (...) e onde igualmente possa chorar a minha trágica condição de poeta”. Primeiro pensemos em um corpo: o corpo da escrita. E também em uma alma: a alma da poesia. A triste e fatídica condição de poeta necessita desse “amor material” corporificado pela escrita, mas que sem a alma poética que o anima não conseguiria continuar sua saga.

No transcorrer das poesias que compõem MASDT veremos uma série de versos que irão reafirmar a importância da presença desse amor na vida do poeta:

Eu amo-te devagar, como profunda e iluminada-
mente amo todo este destino, porque cedo me
deram a poesia, essa voz cândida, funda, pela qual
empobreço escrevendo versos. Ninguém agora me
perdoa tamanha loucura e dela é tarde para que
me liberte e é por isso que conto estrelas e falo
sozinho pelas ruas e penso bastante. Sou um
faquir todos os dias sobre as lâminas perfurantes
dessa realidade e os meus pés andam, no entanto,
admiravelmente sobre elas e a carne arde
pelas suas chagas fundas, sofre embatente contra os ossos,
contra os urros, contra a verdade esgotante da
poesia. Digo-te no plural e canto-te com a mesma
ternura de quem deita um filho para que sonhe
talvez, ou aprenda, e estou do avesso nos
versos dos meus poetas preferidos, na subversão
com que me falam e são.
(WHITE, 1996, p. 21/22)

Novamente podemos visualizar as mesmas questões anteriormente discutidas, o poeta em sua árdua tarefa de compor versos, é muitas vezes chamando de louco pelos que não entendem sua saga hercúlea. Mas, a leveza da alma da poesia personificada no corpo da palavra, faz com que o poeta tal qual um pai dolente, munido de um suave amor, entoe seu canto” com a mesma ternura de quem deita um filho para que sonhe”. Com isso, amor e sonhos se unem na vida desse ser subversivo por natureza, o poeta, que apesar de transgredir para viver, acaba por se tornar um solitário guerreiro da enunciação escrita.

O último poema que fecha o bloco dos “materiais do amor” é bastante significativo, vejamos:

Não. Não há pão para a fome que o amor
fabrica, não há perdão. Descansa então. (...)
És os materiais do amor. Repito. A forja que os
coze. Por isso a febre quando os escrevo.
Os dedos longos. O sangue. Os testículos. Nenhum
de nós se equivocaria nesta certeza. Nenhum de
nós. Não vamos, deste modo, morrer na pobreza
lá fora, nos braços de quem quer que desistamos
de ser gente, nas reformas dos empregos, no
envelhecimento, na glória dos que querem o amor no
esquecimento.
Vem. Deixa-nos viver. Há muitas coisas que se
poderão dizer ainda, mas há muitas mais por fazer.
(WHITE, 1996, p. 55/56)

Há apenas um amor, mas existem muitas formas de se amar. Temos o amor familiar (materno, paterno, fraterno), há também o amor físico, o amor maior (a uma causa, a uma idéia, a uma sociedade), formas de amar distintas, mas todas na verdade fazem parte de um único Amor. Fazer poesia assim é amar a vida e negar a morte, imortalizar-se através das palavras e imortalizar as palavras. Fazer poesia é sonhar palavras e sonhar por meio delas. E nesse sonho, nesse vôo onírico “não há pão para fome que o amor fabrica”, a força erótica intensa que mobilizam o ato de escrever não é possível de ser medida. Essa força impele a luta, é preciso combater heroicamente contra as demandas das injustiças humanas. Nesse constante embate entre Eros e Thanatos, o fazer poético de White propõe uma tomada de fôlego para que possamos encarar na presença do amor em seu aspecto concreto que se personifica na face poesia.

Ocorre que na segunda parte de MASDT temos uma visão de mundo do eu lírico extremamente desiludida, tensa, demasiadamente melancólica, pesadamente triste:

Estou vazio, rigorosamente vazio dessa possibilidade
tão feliz que é ser delicado, que é olhar para
as coisas com beleza e senti-las desse modo, porque
tudo em mim está cinzento dentro e a doer
como um irremovível tumor a apodrecer-me as
vísceras. Estou vazio e não tenho outra realidade
mais clara e nítida, tão vertical e concreta. Sou
um horizonte que já foi, a solidão funérea de um
caminho que ninguém percorre e tão desprezível
me é essa maneira de viver que não há para ela
senão uma forma desprezível de morrer: acabar-
damente fraco, infalivelmente demente.
(WHITE, 1996, p. 59/60)

Atentamos claramente para esse imenso vazio que acomete o eu lírico, chagamos a pensar ao longo dos demais poemas que formam esse bloco (todos muito dramáticos, sofridos ao extremo), que a falta de esperança, a tendência para morte podem ser capaz de levar o eu lírico ao declínio pleno.

Mas, no último poema que fecha o bloco, bem como o livro, temos um arrebatador fecho:

Por isso é que não há tranqüilidade
para quem se põe a escrever.
E por isso também é que pergunto porque escrevo e que
sentido é que terá a escrita dessa maneira que
ninguém a lê. Por isso é que as respostas não
existem e eu estou aqui a matar-me sem razão
aparente para o fazer. Contudo, se isto continuar,
vou agarrar na palavra revólver e espetar um tiro
na cabeça da tristeza. E então voltarei a sorrir, a
emprestar um brilho conseqüente aos meus dentes
amarelecidos, a ter razões para estar onde nunca
estive a sonhar com isso e a deitar-me fisicamente
ao acaso na paisagem dos versos que pressinto.
Um tiro certo na cabeça da tristeza é tudo quanto
basta para a emoção desse desafio devolver-me
à realidade de saber-me homem, mesmíssimamente
igual a tantos outros: pequeno, humilde e sem glória.
Homem só. Mais nada.
(WHITE, 1996, p. 79/80/81)

De maneira extremamente bela e intensa os versos indagam o sentido de ser poeta e os motivos para a escritura de versos. Em meio a tantas loucuras, desavenças, sofrimentos, tristezas infundáveis o que faz um ser caminhar por tão árduos caminhos? A resposta lírica expressa nesse poema aponta para uma

alternativa bastante radical, porém extremamente necessária: “agarrar na palavra revólver e espetar um tiro na tristeza”. Assim como no último poema analisado do livro PCVESA, com o formato de revólver, é por meio da palavra, em seu corpo material, em sua alma poética formada por um amor concreto que o poeta desafia a tristeza e não se importa com as dificuldades para se trilhar os caminhos do amor, pois eles sempre serão infinitamente melhores que os da morte.

Em sua condição humana, humilde, ainda que detentor do poder da palavra, talentoso no fazer poético, isso não o faz melhor que outros homens, muito pelo contrário, o eu lírico apenas desafia essa tristeza por meio dos sonhos, nossa grande arma de luta, nossa única capa protetora contra os desmandos de uma sociedade cruel e opressora.

Eduardo White, o homem por traz de todas essas poesias, aquele que por meio das palavras consegue compor um quadro singular onde a leveza confluenta entre o sonho e o amor figuram em uma força poética mobilizadora, brinda -nos com livros de qualidade e rigor que sempre nos faz pensar sobre vida e seus caminhos ora escarpados, mas para os que não temem sonhar são também caminho agradáveis e dignificantes de se trilhar.

PARA SABER MAIS:



ALMEIDA, Cíntia Machado de Campos. *Na ponta da pena: Moçambique em letras e cores*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DUARTE, Maria Perreira. [et al] *Encontros Prodigiousos – Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*. Vol. I. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001.

FRY, Peter (Org.) *Moçambique*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. *Poesia Sempre*. Angola e Moçambique. Vol. 23, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

SECCO, Carmen Tindó Ribeiro (coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX. Moçambique*. Ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 1999.

_____. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE Graph/Barroso Produções Editoriais, 2003.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.

WHITE, Eduardo. *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de Ser Ave*. Lisboa: Caminho, 1992.

_____. *Os materiais do amor seguidos de O desafio à tristeza*. Lisboa: Caminho, 1996.

Patrícia Camargo é Graduada em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduada em Linguística e Literatura pela Universidade Católica de Petrópolis e mestranda em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (bolsista CAPES).

E-mail: tantalos2005@yahoo.com.br

